

# ÍNDICE

1. Ficha técnica.....	2
2. Como avaliamos o risco de certas atividades?.....	3
3. Como avaliamos o calendário do levantamento das restrições?.....	6
4. Como encaramos a reabertura das creches e das escolas?.....	7
5. Como avaliamos a resposta das autoridades?.....	10
6. Confiamos nos outros?.....	14
7. Qual o impacto no país?.....	15
8. Qual o impacto na nossa saúde?.....	18
9. Qual o impacto na nossa situação financeira pessoal?.....	21
10. Como olhamos para o futuro?.....	23

## 1. Ficha técnica

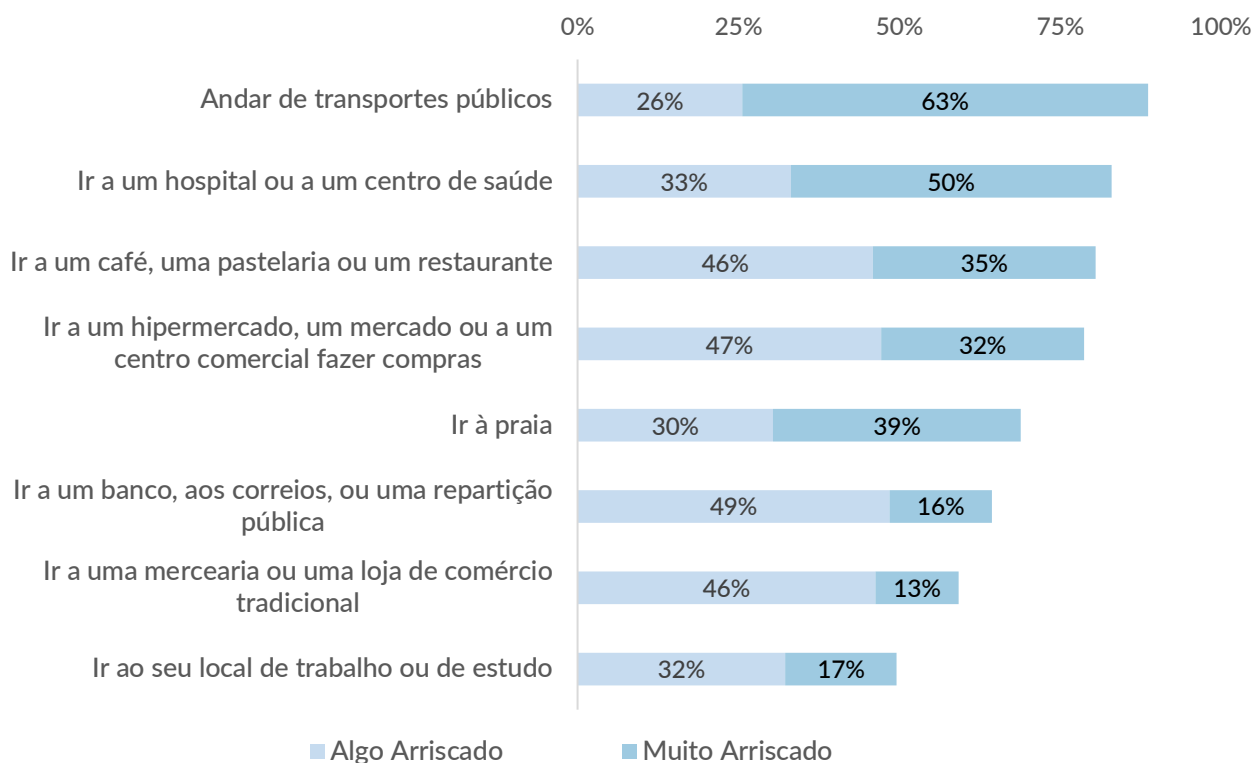
Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 8 e 10 de maio de 2020. A sondagem foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos, residentes em Portugal (Continente e Regiões Autónomas), em domicílios com telefone fixo ou dispendo de telemóvel. Os números fixos, cerca de 33% do total, foram extraídos aleatoriamente, proporcionalmente à distribuição por prefixos no território. Os números móveis, cerca de 66% do total, foram extraídos aleatoriamente, proporcionalmente à distribuição por operadoras. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos) e Região (7 Regiões NUT II).

A informação foi recolhida através de entrevista telefónica, em sistema CATI. Foram tentados contactos com 4732 números de telefone cuja existência foi confirmada. Desses, foi possível determinar 1901 números correspondentes a indivíduos/lares elegíveis, através dos quais foram obtidas 622 entrevistas válidas. A taxa de resposta foi, assim, de 13,1% e a taxa de cooperação de 32,7%. O trabalho de campo foi realizado por 34 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação, de acordo com a distribuição da população com 18 ou mais anos residente em Portugal por três escalões de instrução (3º ciclo ou menos, secundária ou superior). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 622 inquiridos é de +/- 4%, com um nível de confiança de 95%. Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Nos gráficos das regressões apenas são comentadas as diferenças/associações estatisticamente significativas.

## 2. Como avaliamos o risco de certas atividades?

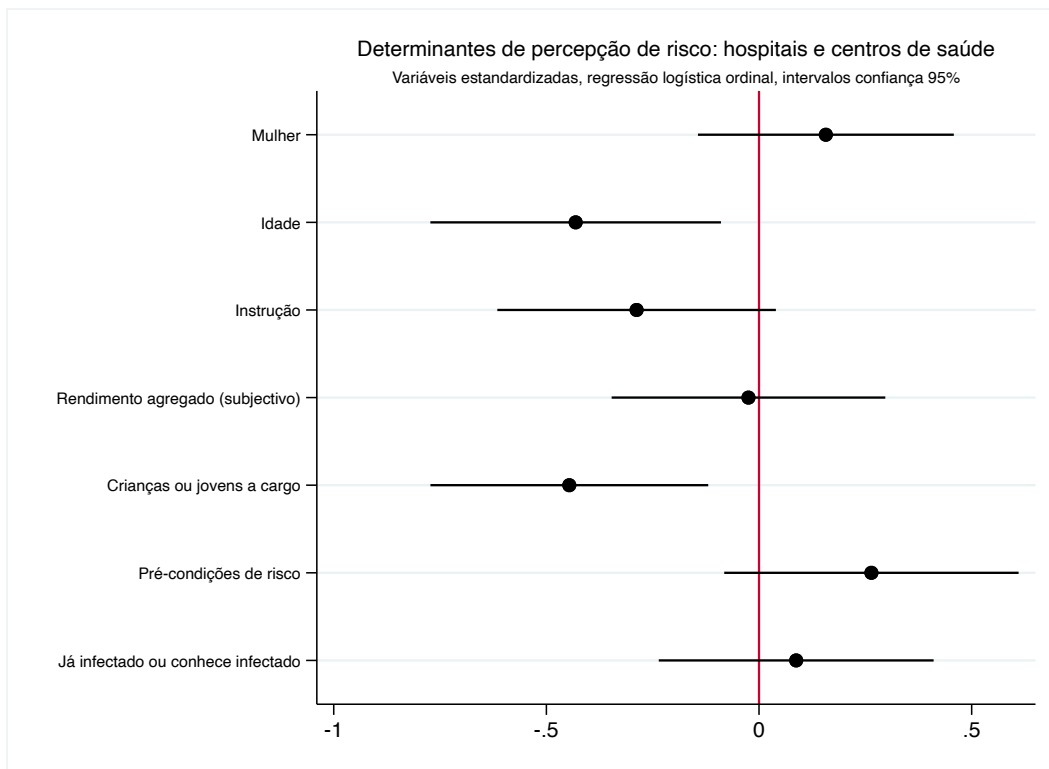
"Até que ponto considera que essa atividade é um risco para a sua saúde ou para a de outros: nada arriscado, pouco arriscado, algo arriscado ou muito arriscado?"

% em relação ao total da amostra (para local de trabalho ou estudo, apenas os que trabalham ou estudam)

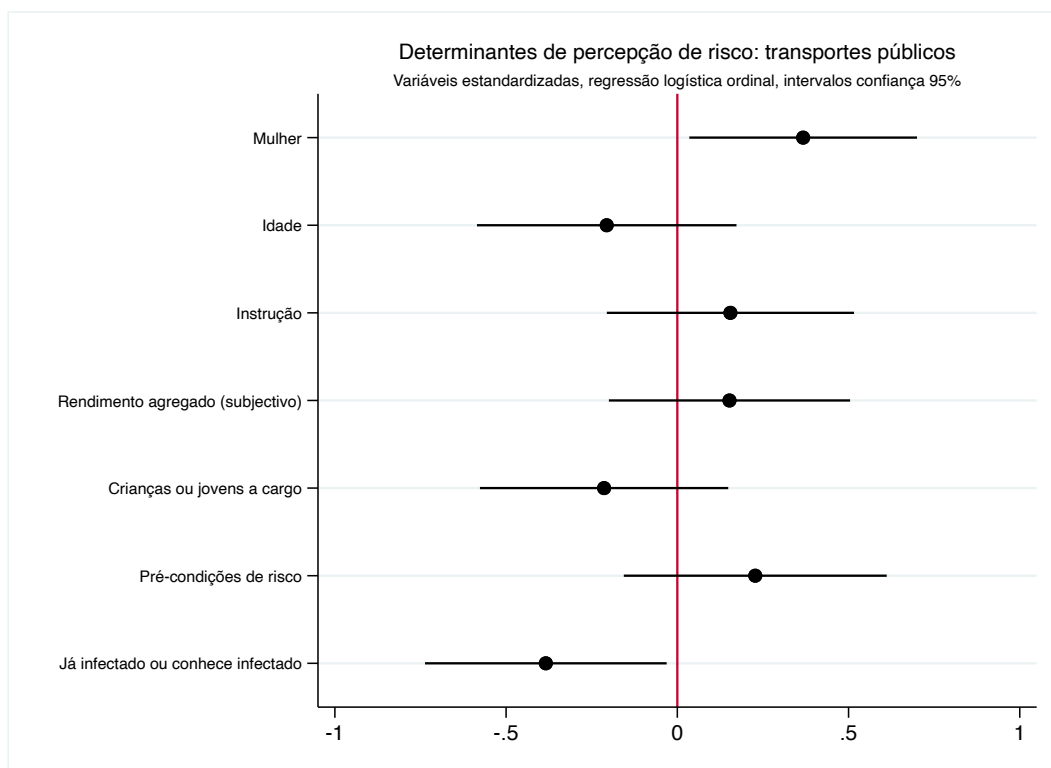


Recolha: 08-10 Maio 2020

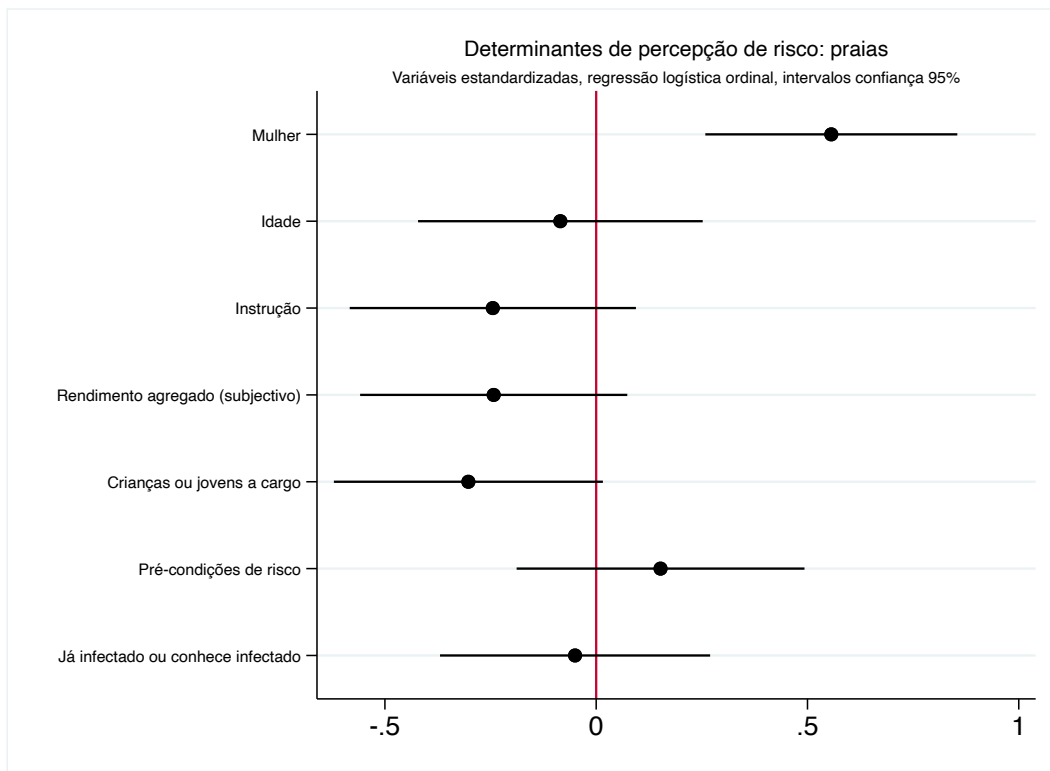
Com exceção da deslocação ao local de trabalho ou de estudo (49%), uma clara maioria dos inquiridos considera todas as atividades elencadas muito ou algo arriscadas para a sua saúde ou a dos outros: andar de transportes públicos (89%); ir a um hospital ou centro de saúde (83%), ir a um café, pastelaria ou restaurante (81%); ir a um hipermercado, mercado ou centro comercial (79%); ir à praia (69%); ir a um banco, aos correios ou uma repartição pública (65%); e deslocar-se a uma mercearia ou loja de comércio tradicional (59%).



Os mais jovens tendem a ver a ida a um hospital ou centro de saúde como sendo mais arriscada do que os mais velhos. A percepção deste risco é também maior para os indivíduos que não têm crianças a cargo.



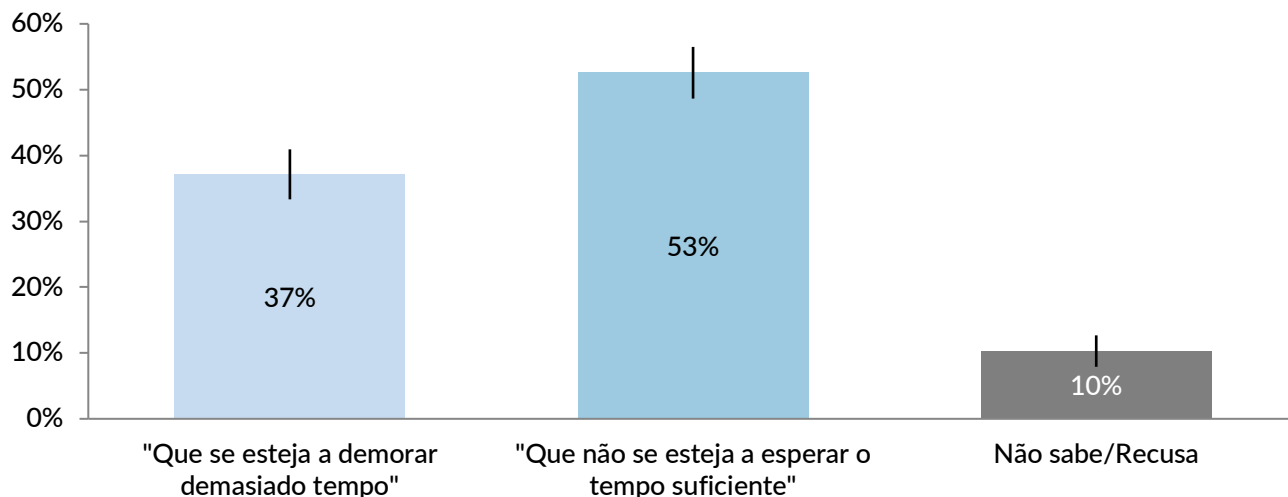
As mulheres tendem a achar que utilizar os transportes públicos é mais arriscado para a sua saúde e a dos outros do que os homens. Por outro lado, aqueles que dizem ter sido infetados ou conhecer alguém que foi infetado pelo Covid-19 tendem a entender a utilização de transportes públicos como menos arriscada.



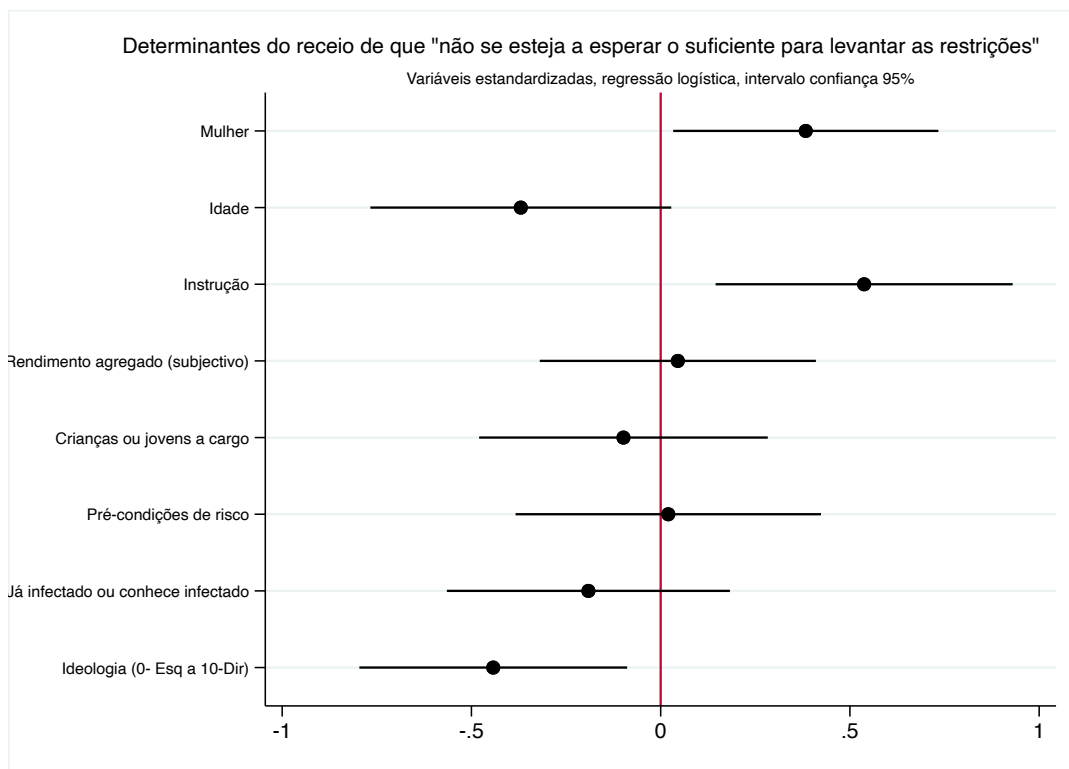
As mulheres tendem a ver a ida à praia como mais arriscada para a sua saúde e a dos outros do que os homens.

### 3. Como avaliamos o calendário do levantamento das restrições?

"Em geral, o que lhe traz mais preocupação em relação ao futuro: que se esteja a demorar demasiado tempo a levantar as restrições e a tentar voltar à normalidade, ou que não se esteja a esperar o tempo suficiente para levantar as restrições e voltar à normalidade?"



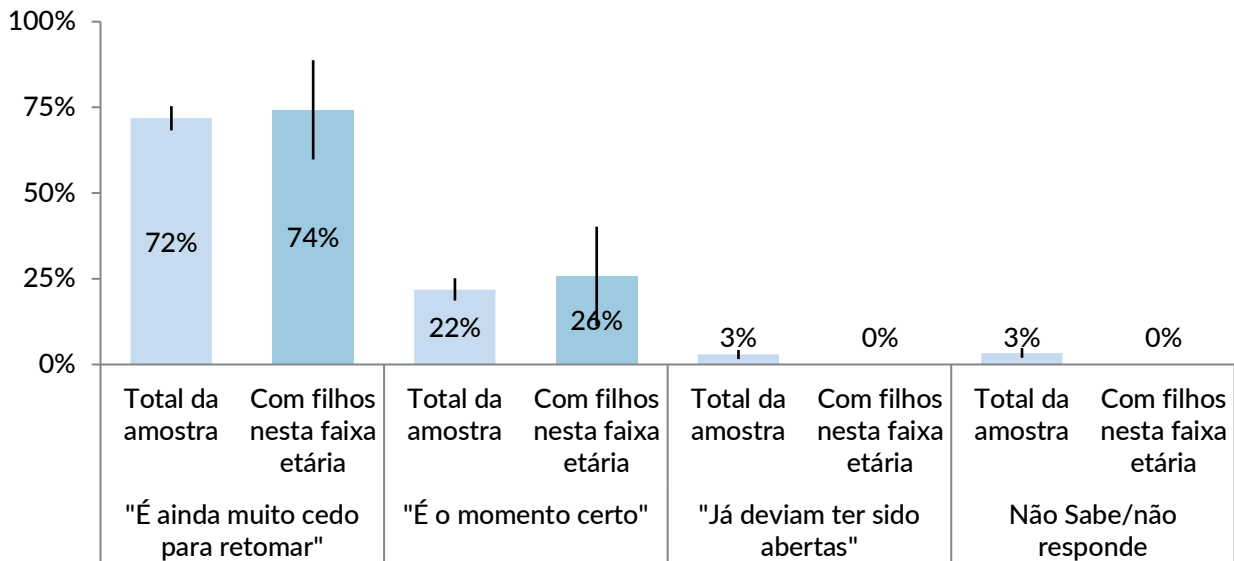
Recolha: 08-10 Maio 2020



A maioria dos inquiridos (53%) afirma recear que não se esteja a esperar o tempo suficiente para levantar as restrições e voltar à normalidade. Este receio é mais comum entre as mulheres, os mais instruídos e entre os que se posicionam à esquerda do ponto de vista ideológico.

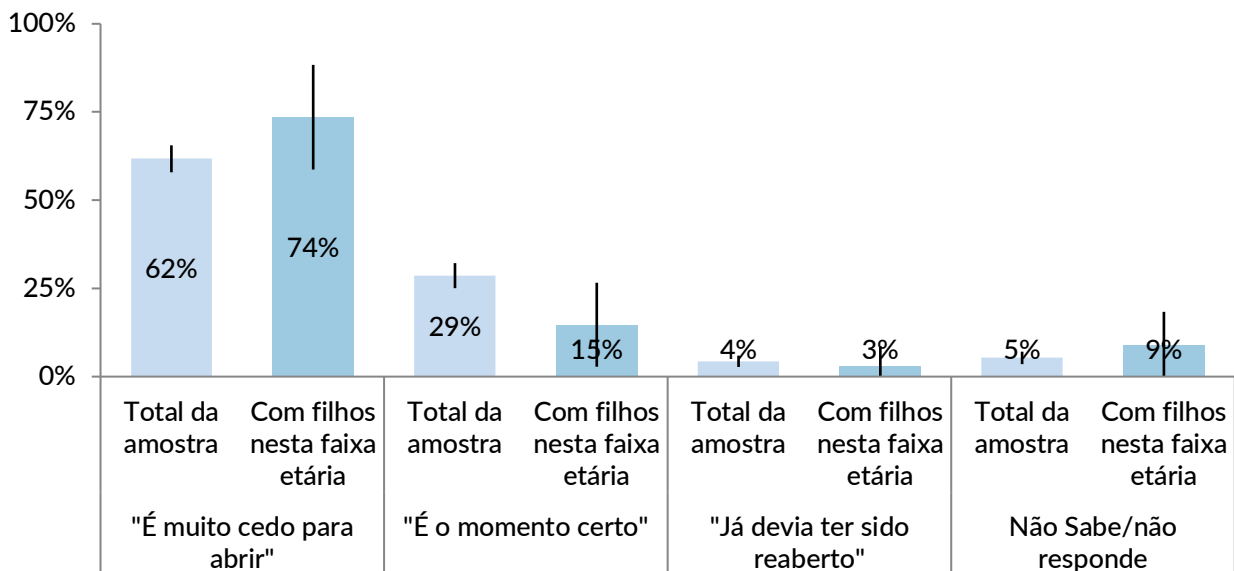
## 4. Como encaramos a reabertura das creches e das escolas?

"Está também previsto que as creches reabram a 18 de Maio. Acha que..."



Recolha: 08-10 Maio 2020

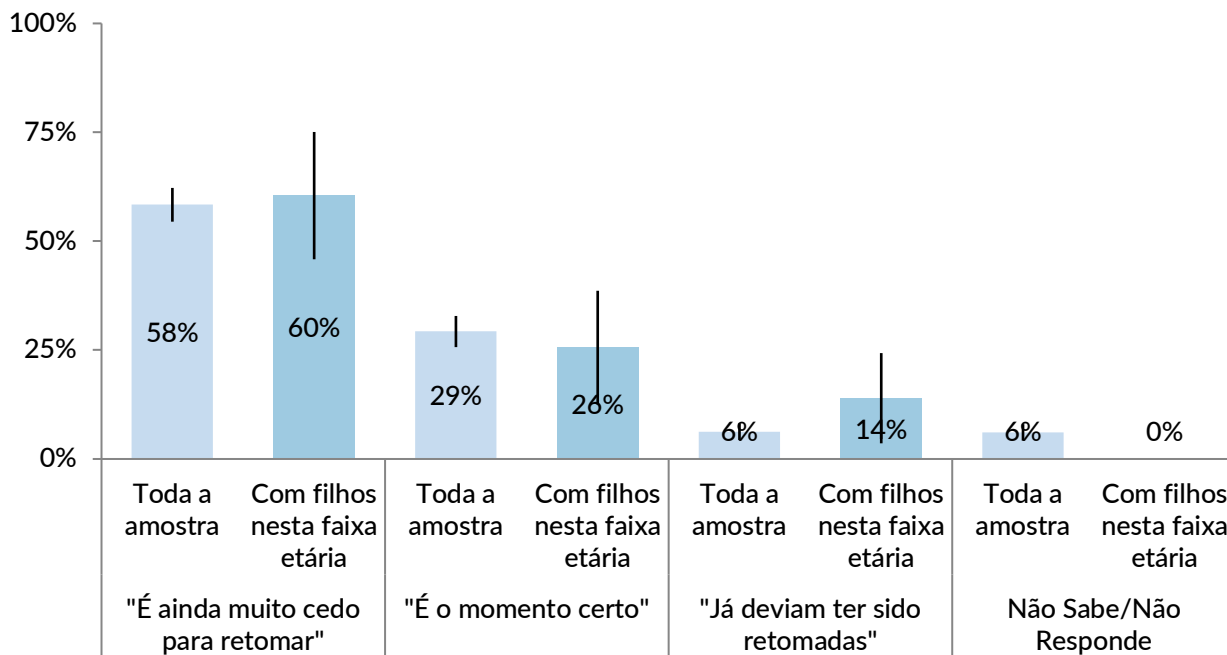
"Está também previsto que o ensino pré-escolar abra a 1 de Junho. Acha que ..."



Recolha: 08-10 Maio 2020

Maiorias substanciais, compostas por 72% e 62% dos inquiridos, respetivamente, consideram que é demasiado cedo para abrir as creches e o ensino pré-escolar nas datas previstas. No caso de quem tem filhos com idade para frequentar creches, as opiniões não são distintas das da amostra geral; no entanto, a abertura do ensino pré-escolar a 1 de Junho é vista como precoce por 3 em cada 4 pais de crianças na faixa etária dos utentes deste serviço, contra 2 em cada 3 inquiridos da amostra geral

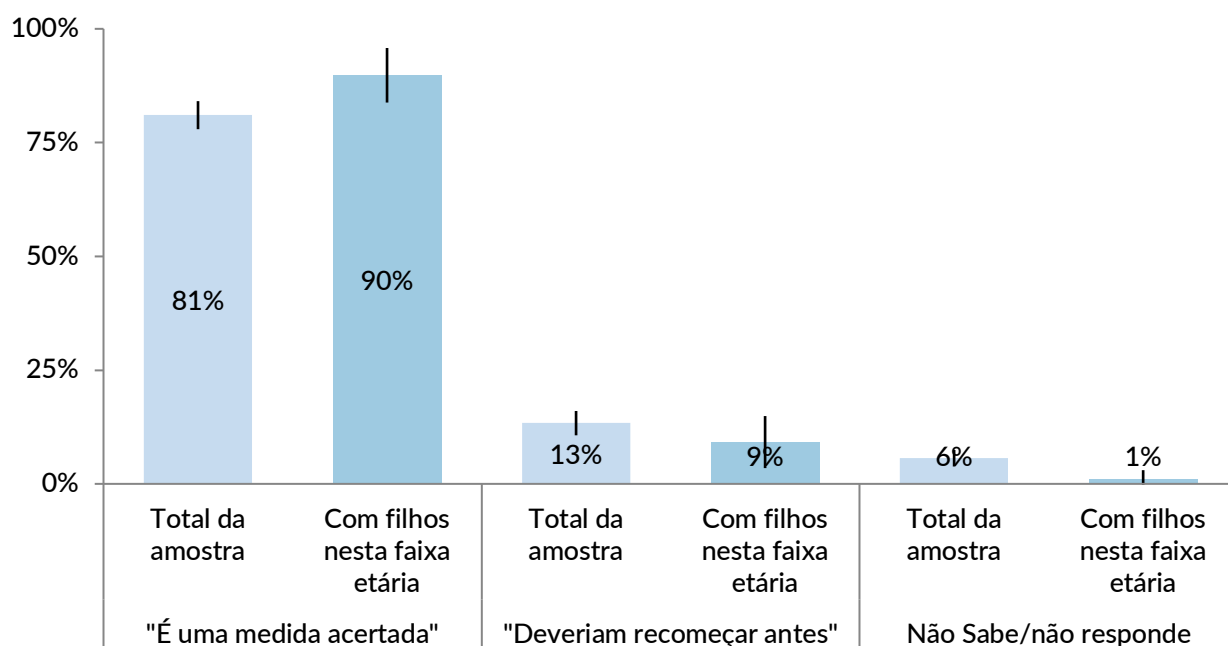
"Em Portugal, está previsto que as aulas presenciais do 11º e 12º anos sejam retomadas a 18 de Maio. Acha que..."



Recolha: 08-10 Maio 2020



"Finalmente, está previsto que o ensino básico e o 10º não voltem a ter aulas presenciais até ao fim do ano letivo. Acha que ..."



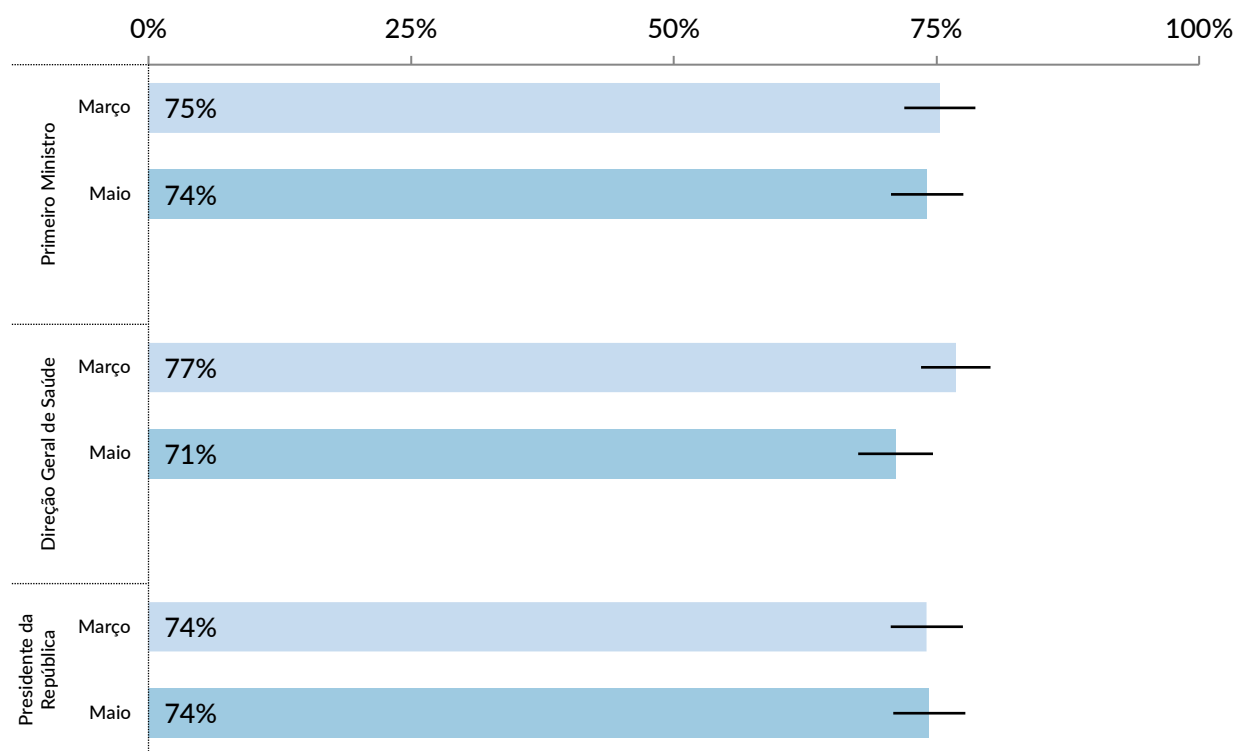
Recolha: 08-10 Maio 2020

Quanto ao ensino secundário, a maioria dos inquiridos (58%) é da opinião que os alunos do 11.º e 12.º anos não deveriam retomar as aulas presenciais a 18 de Maio, e quatro quintos da amostra estão de acordo com a decisão tomada em relação ao ensino básico e ao 10.º ano. A ideia de que a não retoma das aulas do 1.º ao 10.º anos é acertada é ainda mais expressiva entre os pais de crianças e jovens na faixa etária correspondente a estes níveis de escolaridade.

## 5. Como avaliamos a resposta das autoridades?

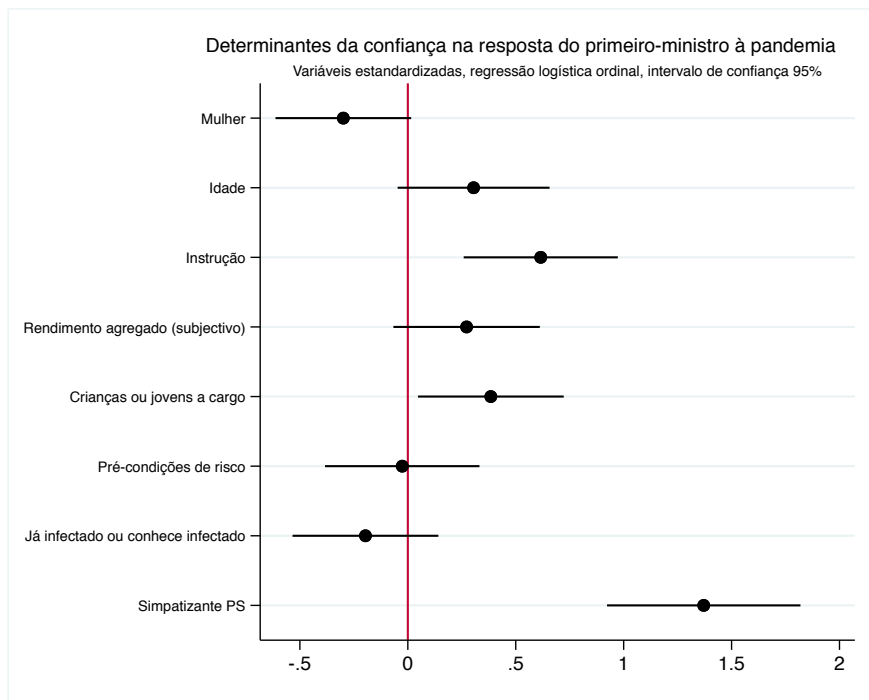
Confiança na resposta à pandemia do Primeiro Ministro, Direção Geral de Saúde e Presidente da República, Março e Maio de 2020

% dos inquiridos em cada inquérito que afirmam ter "muita" ou "alguma" confiança

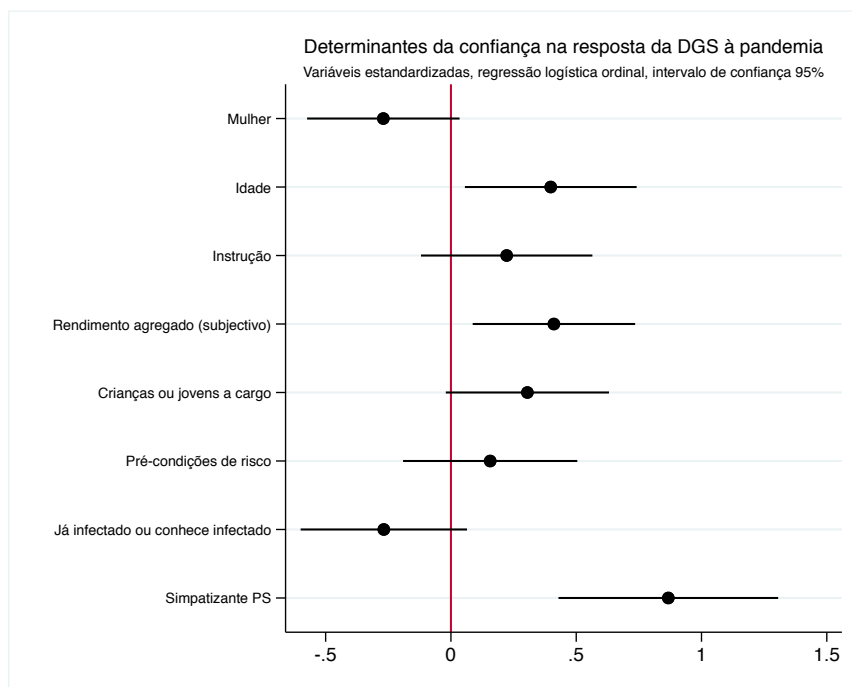


Recolha: 20-22 de Março e 08-10 Maio 2020

Comparando a confiança depositada na resposta à pandemia do Primeiro-Ministro, Direção Geral de Saúde e Presidência da República, entre Março e Maio, verificamos que esta se manteve, não tendo sofrido alterações significativas em nenhum dos três órgãos.

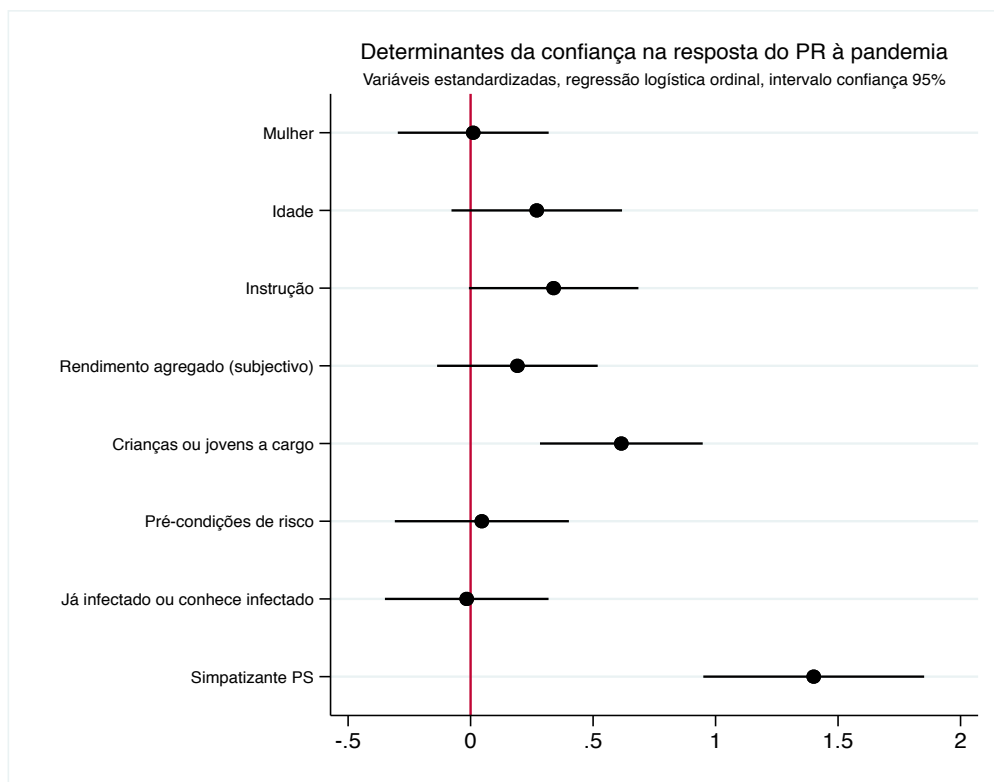


Ser-se simpatizante do Partido Socialista é a variável mais fortemente correlacionada com a confiança que se deposita na resposta do chefe do governo à pandemia. Para além disso, os mais instruídos e aqueles que têm crianças ou jovens a seu cargo também tendem a confiar mais na resposta de António Costa à pandemia.



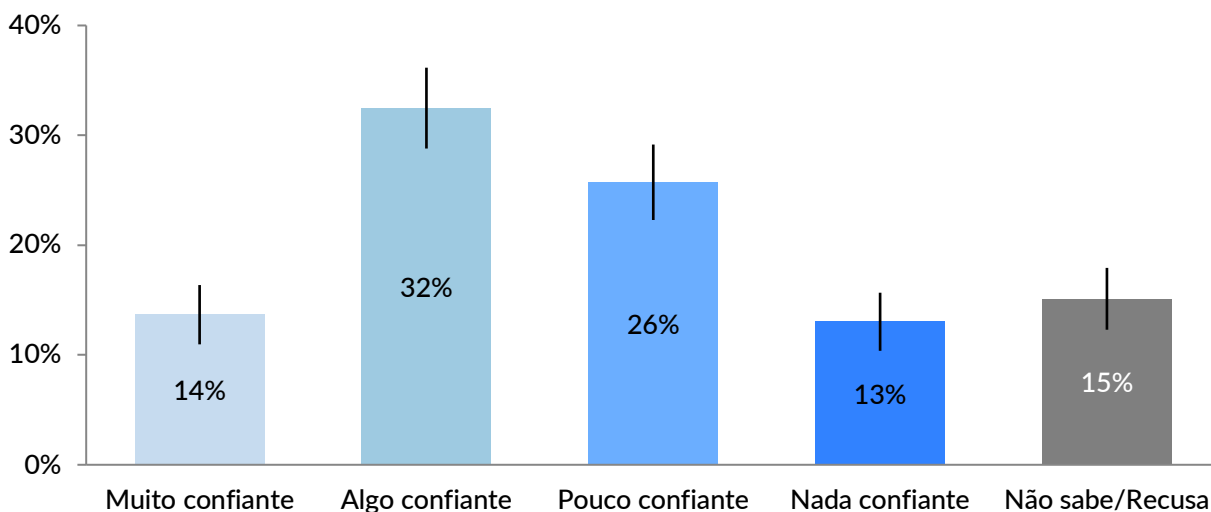
Uma larga maioria dos inquiridos (71%) está “muito” ou “algo” confiante na resposta da Direção Geral da Saúde à pandemia. Mais uma vez, ser-se simpatizante do Partido Socialista é a variável mais fortemente correlacionada com a confiança que se deposita na resposta da

Direcção-Geral de Saúde à pandemia. Independentemente disso, a confiança na DGS tende a aumentar com a idade e com o nível de rendimento dos inquiridos.

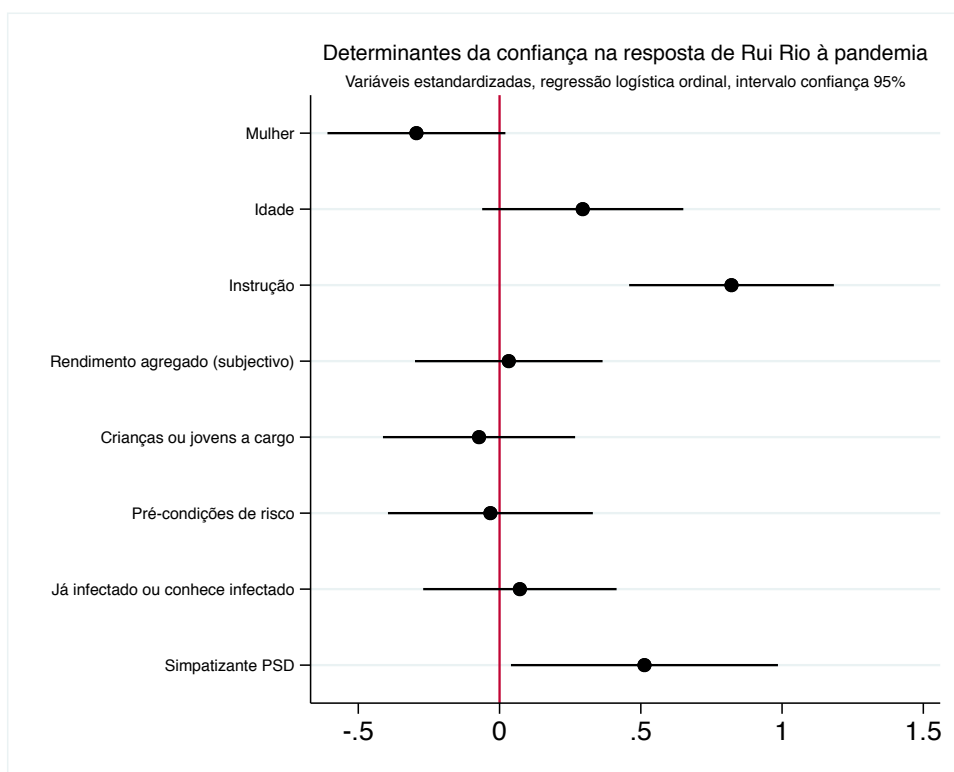


Igualmente, a maioria dos inquiridos (73%) confia na forma como o Presidente da República tem dado resposta à pandemia. Curiosamente, os simpatizantes do Partido Socialista depositam mais confiança na resposta de Marcelo Rebelo de Sousa à pandemia que os restantes inquiridos. Para além disso, a confiança na resposta por parte do chefe de Estado tende a ser maior entre os inquiridos que têm crianças ou jovens a seu cargo.

"E na resposta do líder do maior partido da oposição, Rui Rio?"  
% em relação ao total da amostra



Recolha: 08-10 Maio 2020

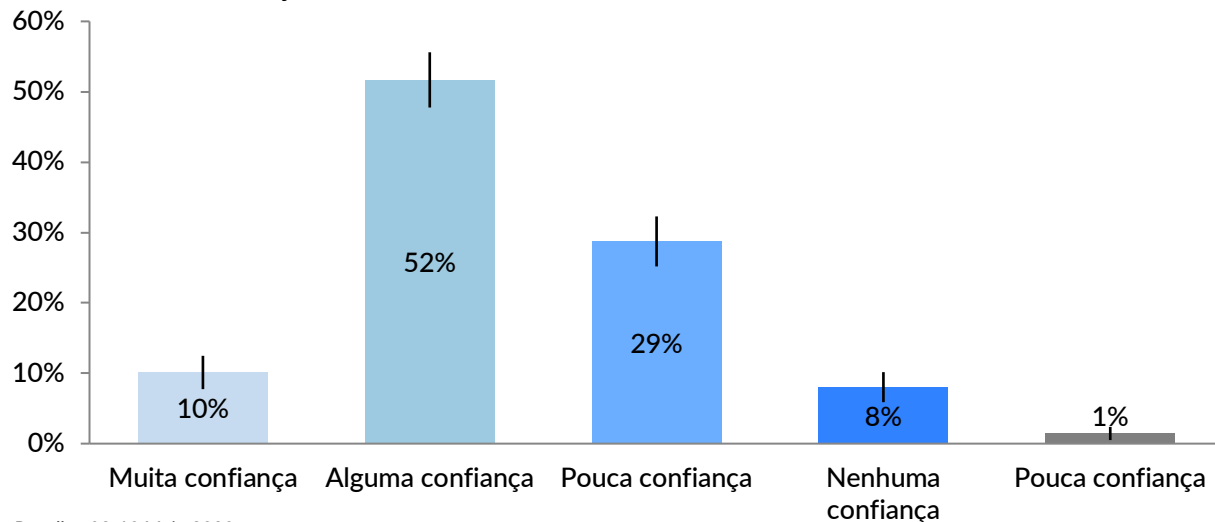


Quase metade dos inquiridos (46%) diz estar “muito” ou “algo” confiantes na resposta de Rui Rio à pandemia, enquanto que 39% declaram-se “pouco” ou “nada” confiantes e uma percentagem assinalável (15%) não sabe ou recusa responder à questão. Quanto mais instruídos os inquiridos, maior a confiança que tendem a depositar na resposta do líder do maior partido da oposição à pandemia. Essa confiança tende também a ser maior entre os inquiridos que simpatizam com o PSD.

## 6. Confiamos nos outros?

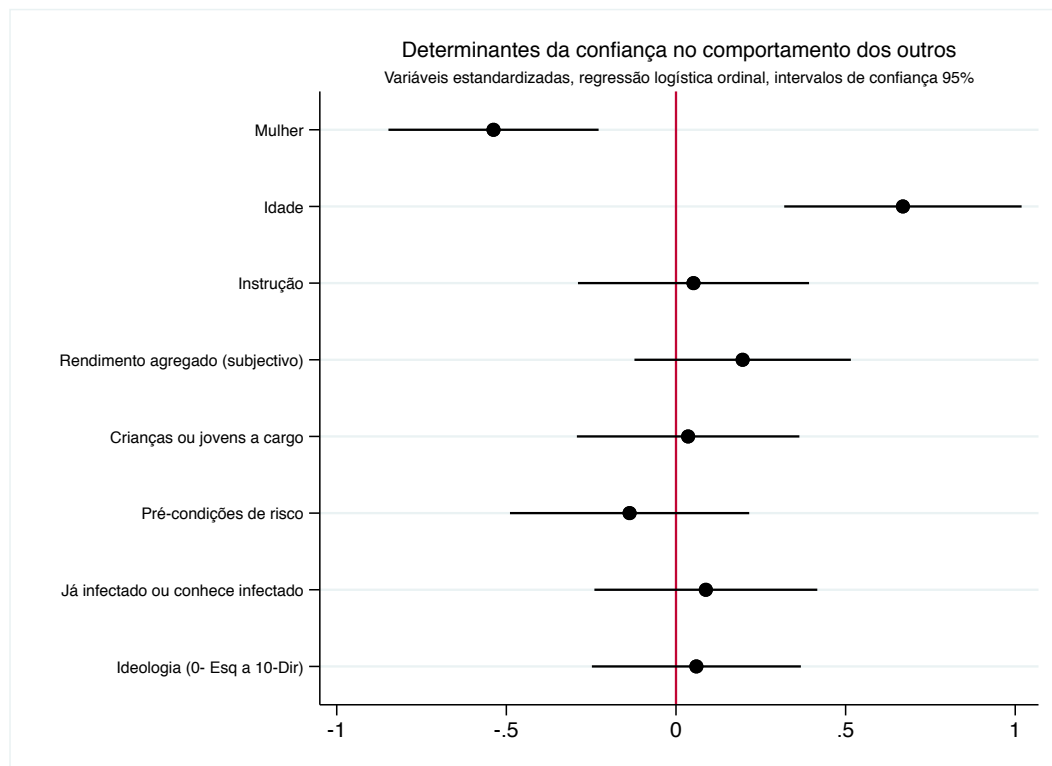
"Pensando nos portugueses em geral, até que ponto tem confiança de que se irão comportar da forma mais adequada para limitar a difusão do vírus?"

% em relação ao total da amostra



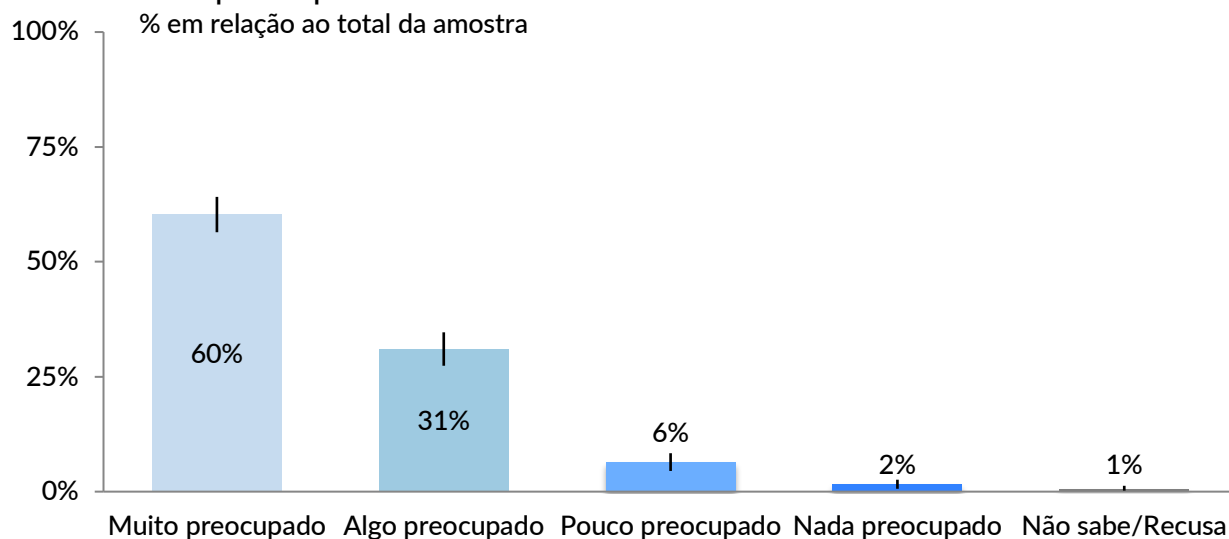
Recolha: 08-10 Maio 2020

Quase dois terços dos inquiridos (62%) acham que os seus concidadãos se irão comportar adequadamente para conter a propagação do vírus. Os homens e os mais velhos tendem a expressar mais essa opinião do que as mulheres e os mais novos.



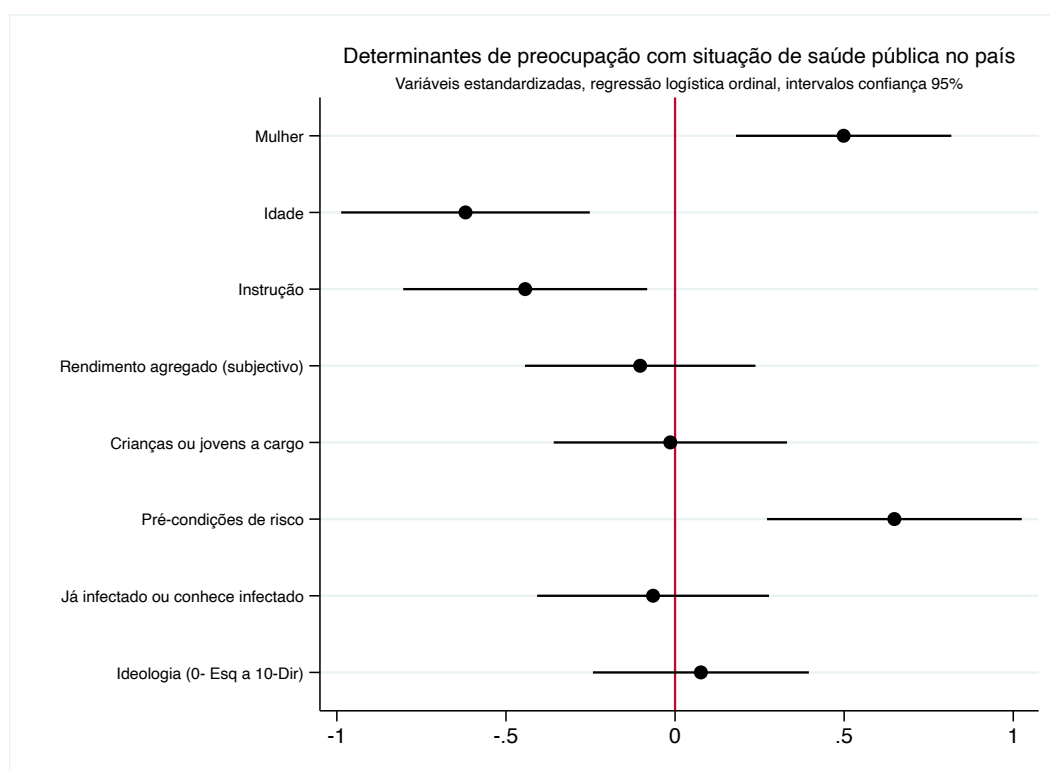
## 7. Qual o impacto no país?

"Até que ponto se sente preocupado com a situação de saúde pública no país: muito preocupado, algo preocupado, pouco preocupado ou nada preocupado?"



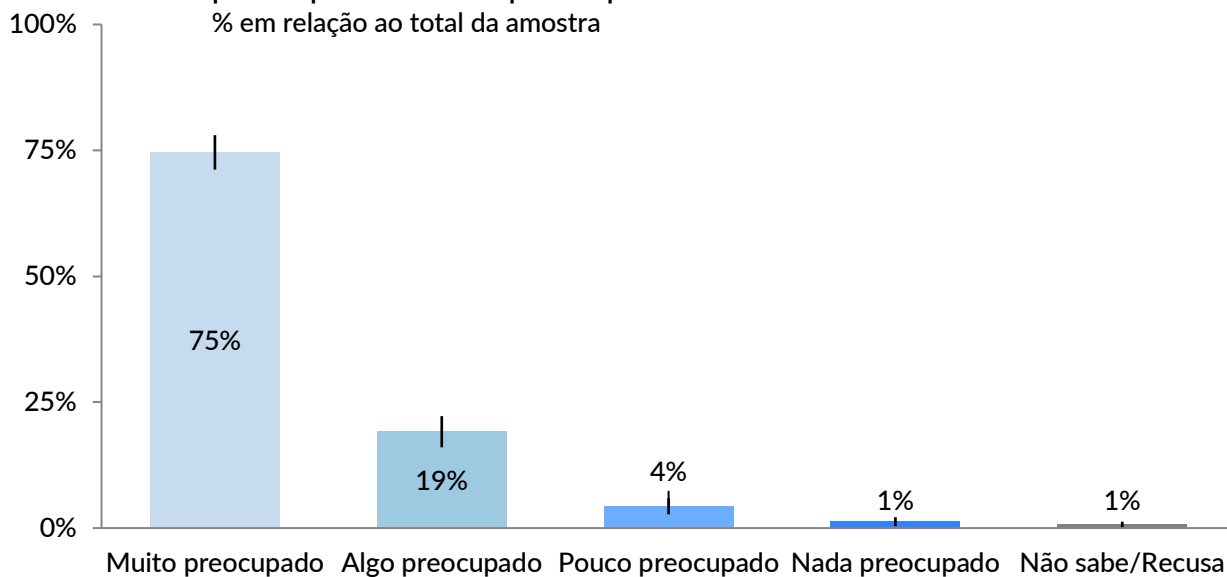
Recolha: 08-10 Maio 2020

A quase totalidade dos inquiridos (91%) afirma-se “muito” ou “algo” preocupada com a situação de saúde pública em Portugal, sendo que, destes, dois terços estão mesmo muito preocupados. Este sentimento é maior entre as mulheres, os mais jovens e os menos instruídos, assim como entre aqueles que dizem ter uma pré-condição de risco (hipertensão, problemas cardíacos e respiratórios, diabetes ou problemas imunitários).



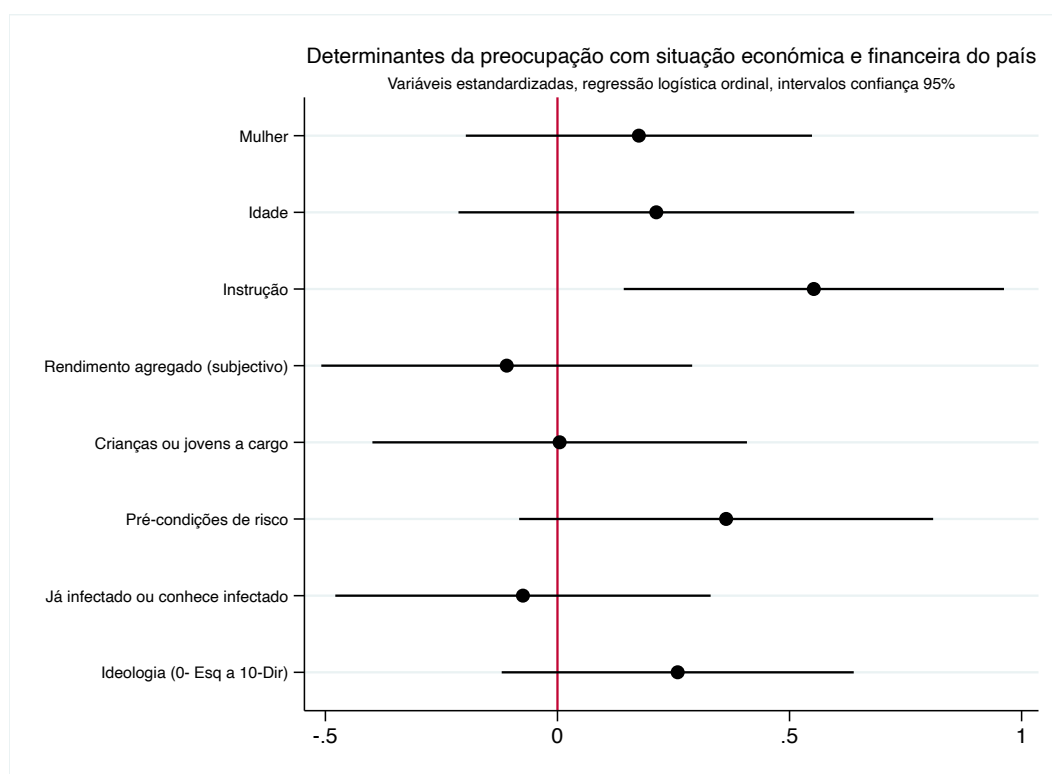
"Até que ponto se sente preocupado com a situação económica e financeira do país: muito preocupado, algo preocupado, pouco preocupado ou nada preocupado?"

% em relação ao total da amostra



Recolha: 08-10 Maio 2020

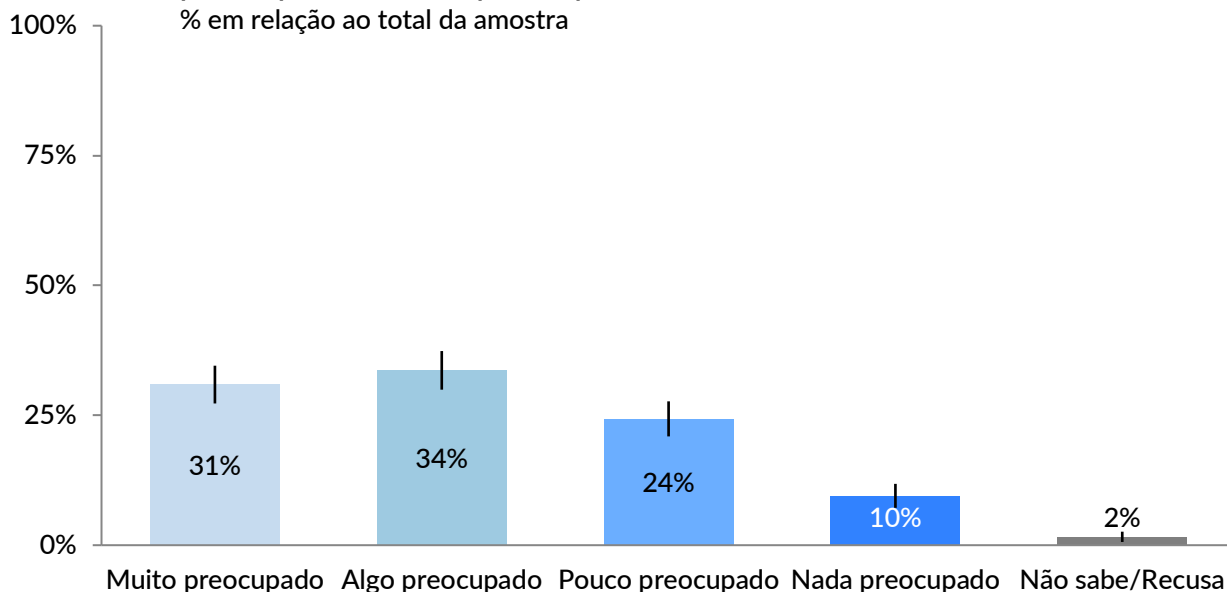
Uma percentagem ainda maior – 94% dos inquiridos – sente-se preocupada com a situação económica e financeira do país, sendo que 75% afirmam-se mesmo “muito preocupados”. Este sentimento aumenta em função do nível de instrução dos inquiridos.





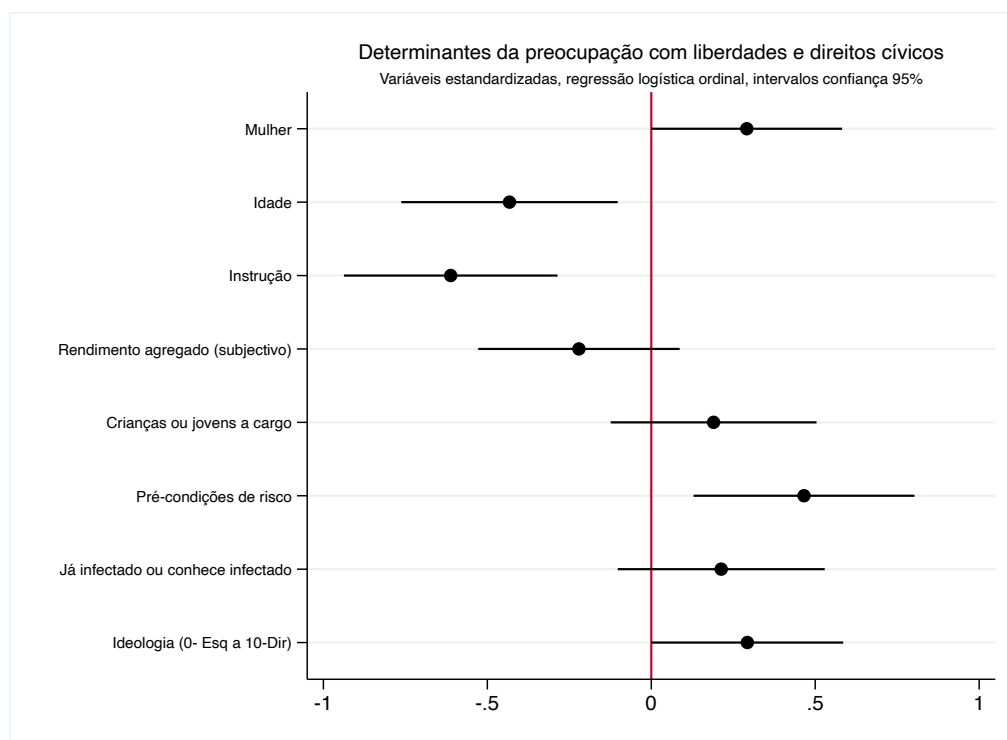
"Até que ponto se sente preocupado com as liberdades e direitos cívicos dos cidadãos: está muito preocupado, algo preocupado, pouco preocupado ou nada preocupado?"

% em relação ao total da amostra



Recolha: 08-10 Maio 2020

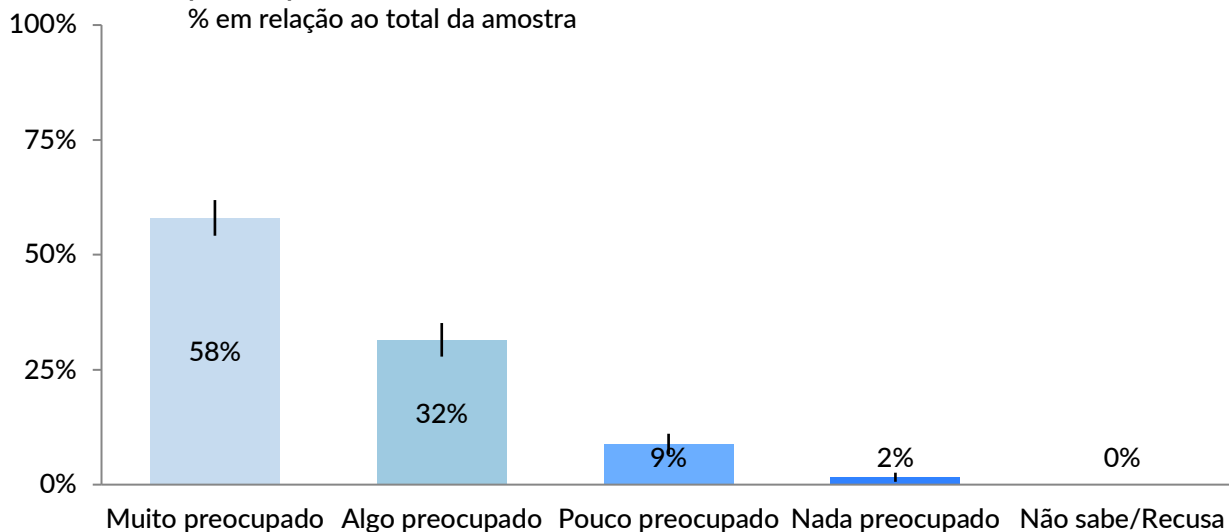
Cerca de dois terços dos inquiridos (65%) estão “muito” ou “algo” preocupados com as liberdades e os direitos cívicos dos cidadãos. Esse sentimento está mais difundido entre os mais jovens e os menos instruídos, bem como junto daqueles que dizem ter uma pré-condição de risco e dos que se posicionam mais à direita do ponto de vista ideológico.



## 8. Qual é o impacto na nossa saúde?

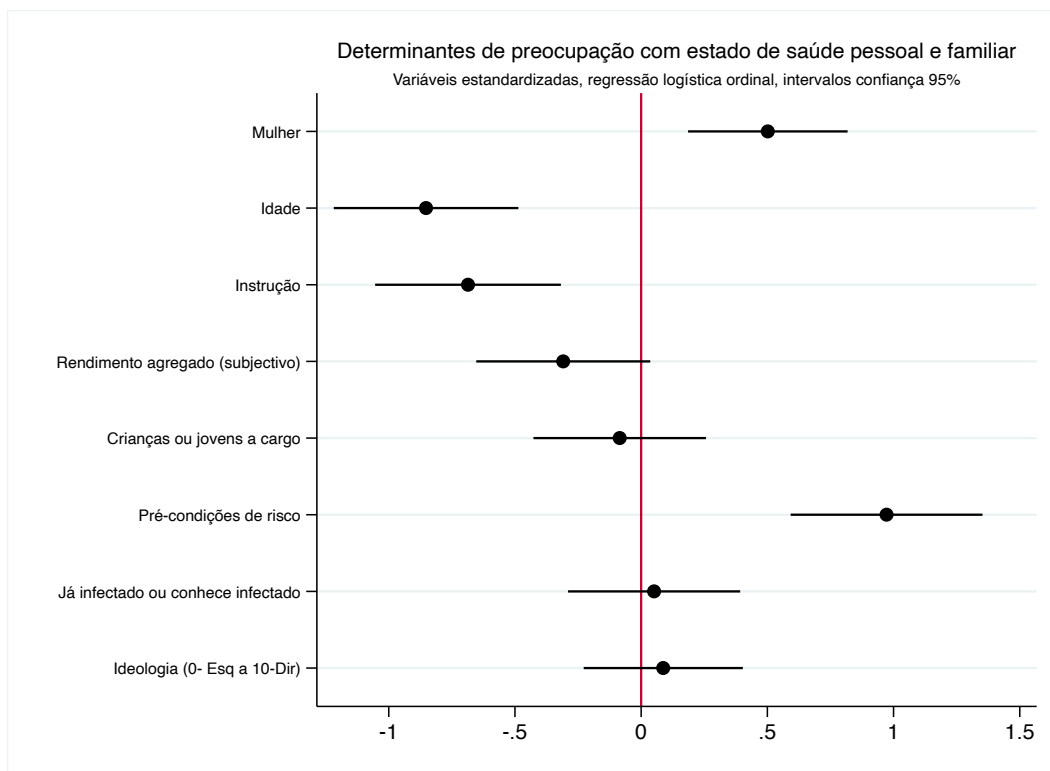
"Até que ponto se sente preocupado com a sua saúde e a da sua família: muito preocupado, algo preocupado, pouco preocupado ou nada preocupado?"

% em relação ao total da amostra



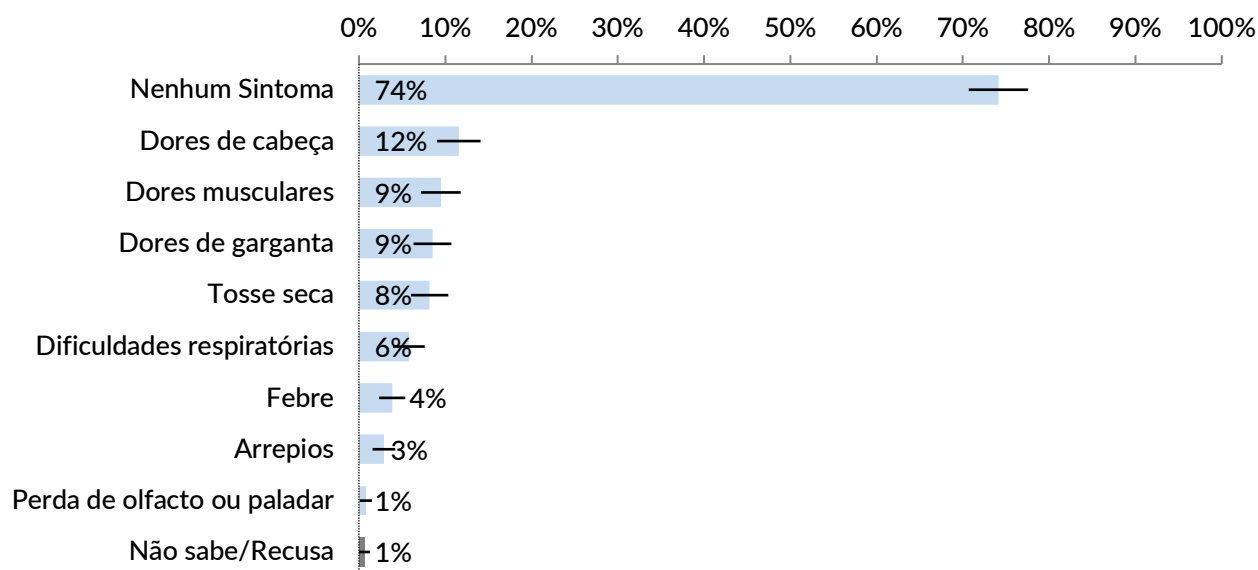
Recolha: 08-10 Maio 2020

A generalidade dos inquiridos (90%) diz que está “muito” ou “algo” preocupada com a sua saúde e a da sua família. Esta preocupação é maior entre as mulheres, os mais jovens e os menos instruídos, assim como com aqueles que possuem uma pré-condição de risco.



## Desde o início do ano, teve algum dos seguintes sintomas?

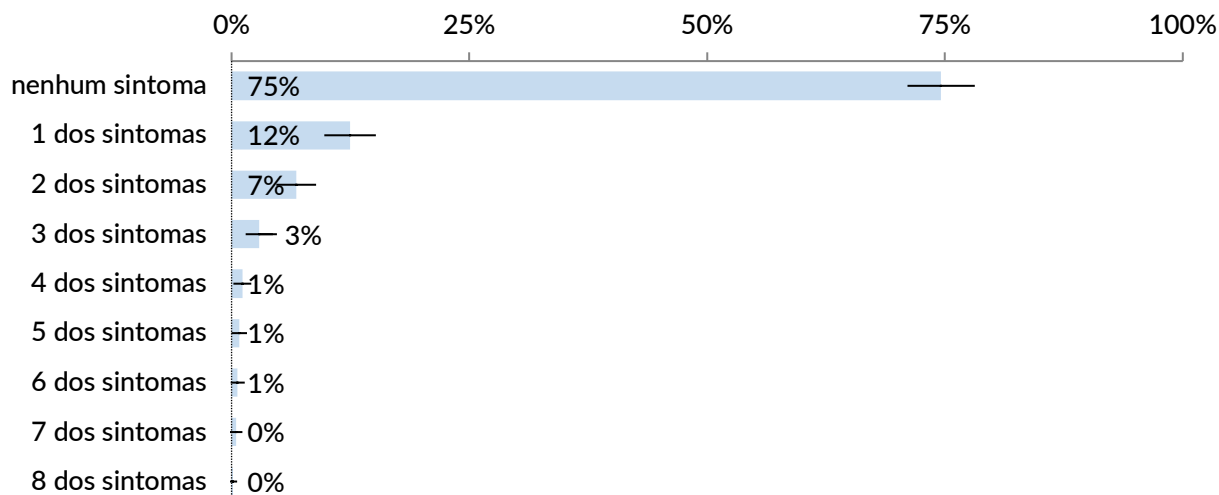
% em relação ao total da amostra



Recolha: 08-10 Maio 2020

## Número de sintomas associados a COVID-19 experienciados desde o início do ano

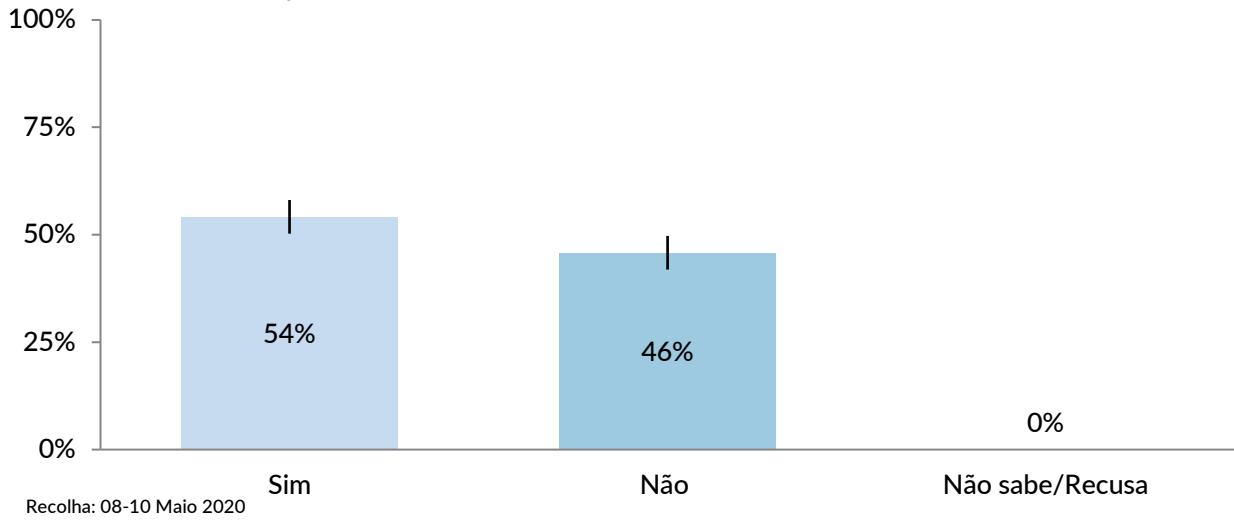
% em relação ao total da amostra com respostas válidas



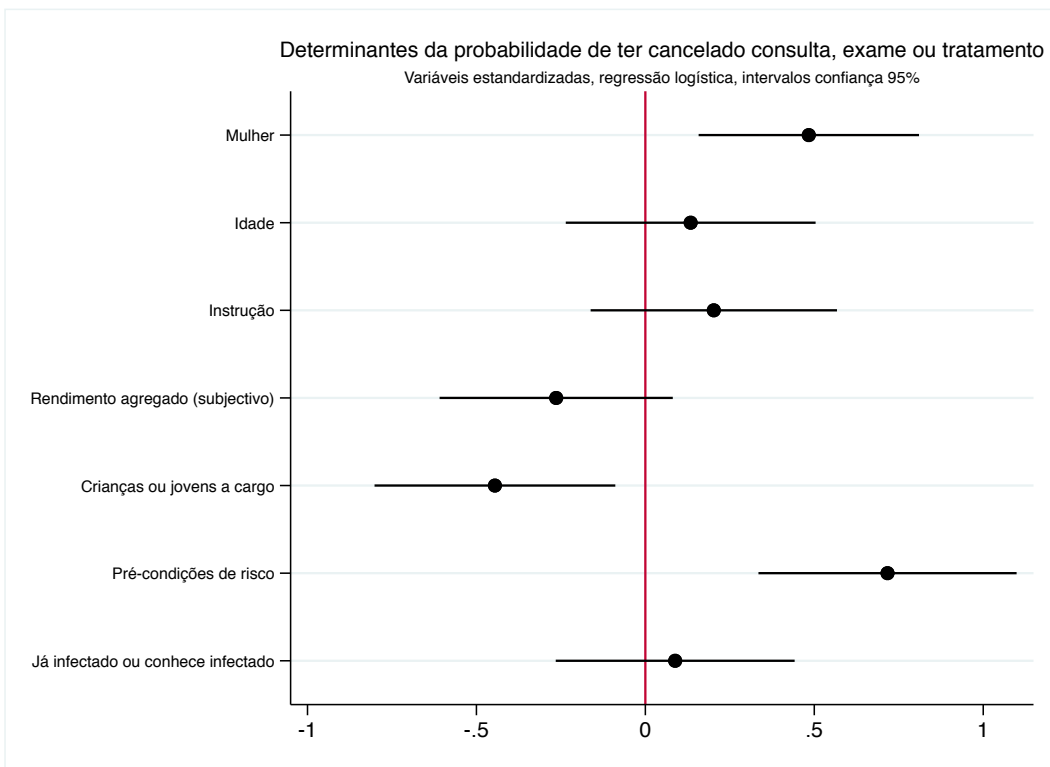
Recolha: 08-10 Maio 2020

Três quartos dos inquiridos indicam que não experimentaram nenhum sintoma associado ao Covid-19 desde o início do ano. Apesar disso, a percentagem daqueles que afirmam ter tido dois dos sintomas (entre febre, tosse seca, dores de cabeça, dores musculares, dores de garganta, dificuldades respiratórias, arrepios, ou ausência de olfato e paladar) chega a 7%, enquanto que os que dizem ter tido três sintomas chega a 3%.

"Desde o início da pandemia, já teve de cancelar ou adiar alguma consulta, algum exame ou algum tratamento médico?"  
 % em relação ao total da amostra



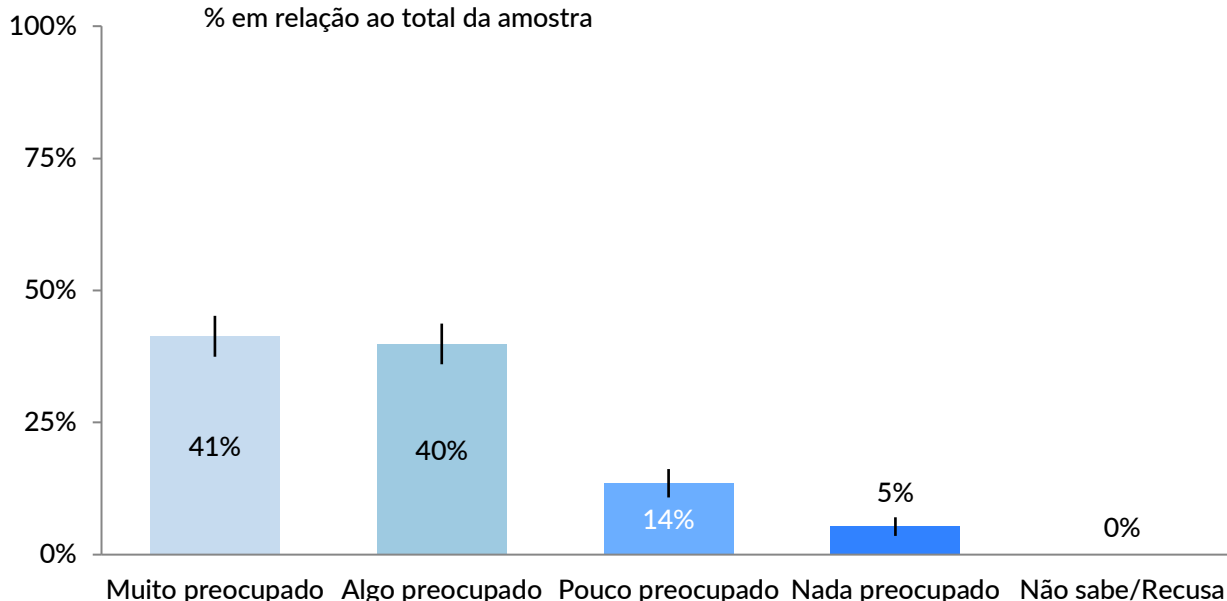
Desde o início da pandemia, cerca de metade dos inquiridos teve de cancelar ou adiar uma consulta, um exame ou um tratamento médico. Ser-se mulher, ter uma pré-condição de risco e não ter crianças a cargo são fatores que aumentam a probabilidade de se ter cancelado uma consulta, exame ou tratamento médicos desde o início da pandemia.



## 9. Qual é o impacto na nossa situação financeira pessoal?

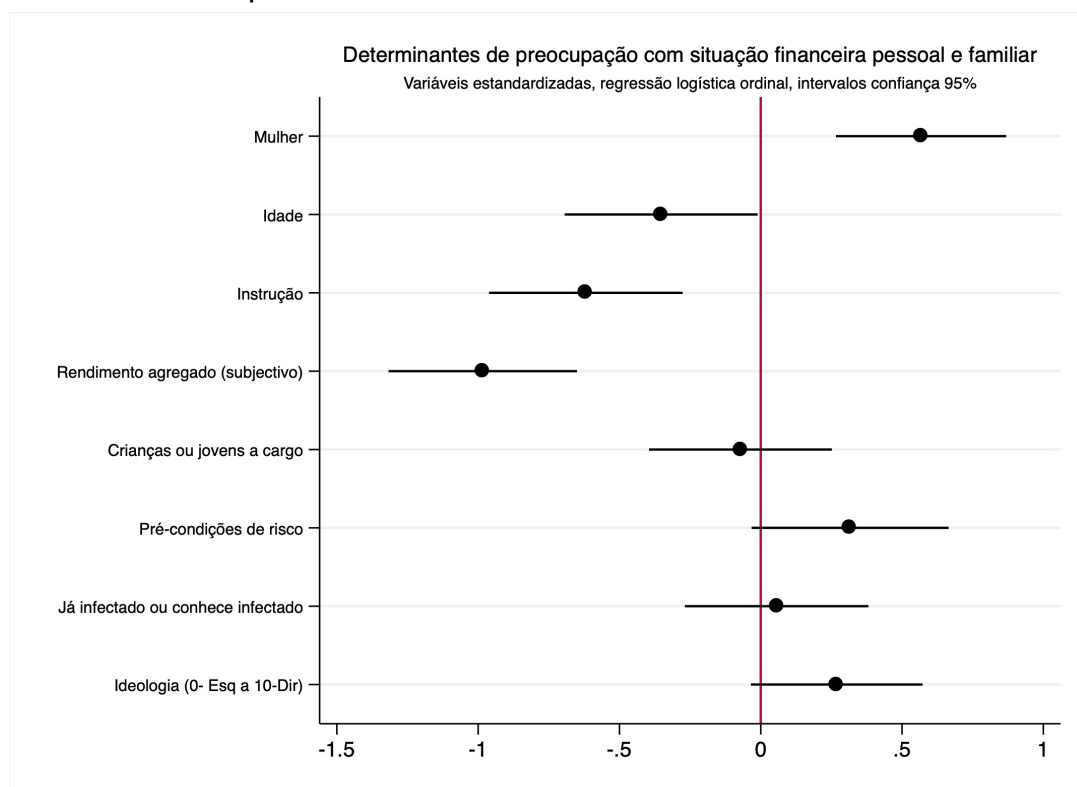
"Até que ponto se sente preocupado com a sua situação financeira pessoal e da sua família: muito preocupado, algo preocupado, pouco preocupado ou nada preocupado?"

% em relação ao total da amostra



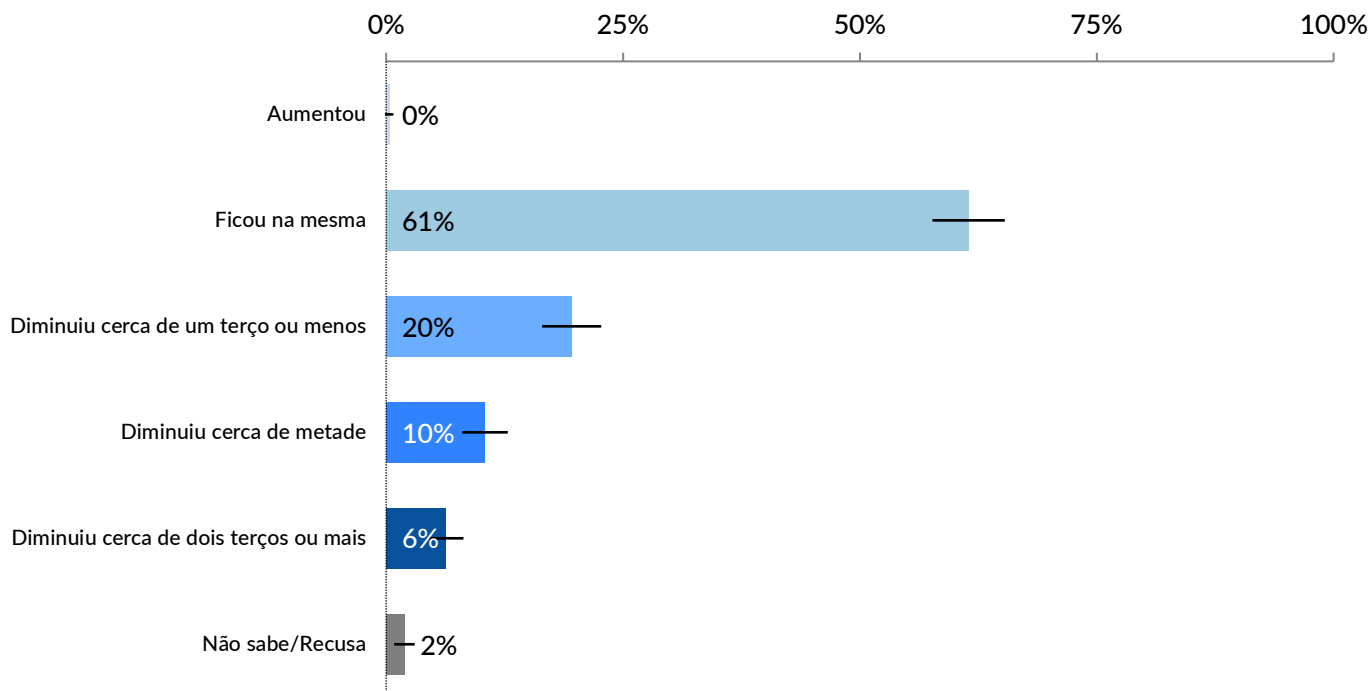
Recolha: 08-10 Maio 2020

Uma larga maioria (81%) afirma-se “muito” ou “algo” preocupada com a sua situação financeira pessoal e familiar. Quanto mais baixos o nível de conforto com o rendimento auferido pelo agregado, a instrução e a idade dos inquiridos, maior a preocupação com a situação financeira pessoal e familiar. Também as mulheres se sentem mais preocupadas com este assunto do que os homens.



"Pense agora no rendimento do seu agregado familiar atualmente. Em comparação com o que se passava antes do estado de emergência, diria que o rendimento do seu agregado..."

% em relação ao total de inquiridos em cada grupo



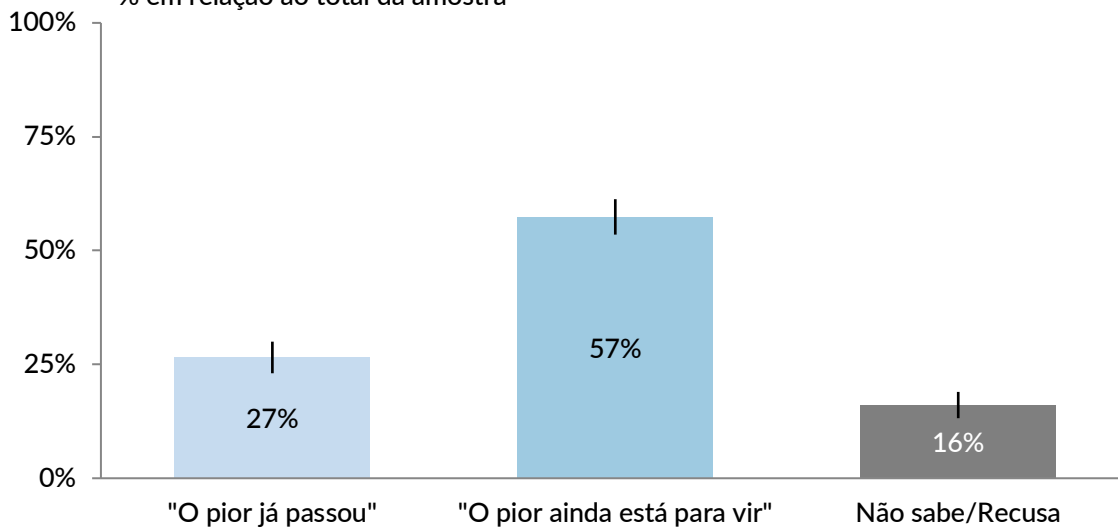
Recolha: 08-10 Maio 2020

36% dos inquiridos afirmam que o rendimento do seu agregado familiar diminuiu (16% reportam até que perderam metade ou mais dos seus rendimentos). No entanto, 61% afirmam que o rendimento do seu agregado se mantém igual ao que era antes do estado de emergência.

## 10. Como olhamos para o futuro?

"No que toca aos problemas causados pela pandemia, acha que o pior já passou ou que o pior ainda está para vir?"

% em relação ao total da amostra



Recolha: 08-10 Maio 2020

Uma maioria dos inquiridos considera que, no que diz respeito à pandemia, "o pior ainda está para vir". Entre todas as variáveis analisadas, a única que está significativamente correlacionada com esta convicção é o sexo: entre as mulheres, é mais prevalente que entre os homens.

